



GT 018. Antropologia dos Esportes: desdobramentos epistemológicos e teórico-metodológicos nos estudos das práticas esportivas

Wagner Xavier de Camargo (UFSCar) -
 Coordenador/a, Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF) -
 Coordenador/a, Mônica da Silva Araujo (UFPI) -
 Debatedor/a

Este grupo de trabalho é fruto de estudos e esforços da antropologia brasileira em compreender das práticas esportivas em sua interface com a sociedade. Nos últimos encontros da RBA (desde 2000) e da RAM (desde 2001), compreendemos que o esporte institucionalizado e as práticas esportivas estão cada vez mais presentes na vida dos sujeitos e têm adquirido maior visibilidade, tanto no cenário brasileiro, quanto no Sul-americano. Como efeito, vimos um aumento exponencial representado no número de pesquisadoras/es (seja na qualidade dos trabalhos, seja na amplitude temática), e tal aspecto se reveste no incremento (e verticalização) de problemáticas concernentes à área. Nesse sentido, é no espaço do GT que aprofundamos e refinamos alguns debates mais clássicos da antropologia, como conceitos de identidades e etnicidade, teorias do indivíduo e da pessoa, usos do corpo e estruturas de poder, além de outros mais contemporâneos, como as questões de gênero, sexualidade e erotismo, interseccionalidades, novas subjetivações e as próprias práticas esportivas. Essas temáticas emergem de etnografias densas e plurais, que abordam distintas modalidades esportivas como o futebol, vôlei, basquete, rugby, lutas e artes marciais, esportes de aventura, ciclismo, natação, dança e outras. O objetivo deste GT, portanto, é possibilitar e dar manutenção ao espaço de diálogo, trocas, interlocução e colaboração entre pesquisadoras/es envolvidas/os com o universo dos esportes.

Um ensaio sobre a materialização das percepções de força entre praticantes do esporte de escalada

Autoria: Virgínia Squizani Rodrigues

Este work olha para as práticas corporais de pessoas praticantes do esporte de escalada em rocha a partir de uma perspectiva das técnicas corporais propostas por Marcel Mauss (2017), bem como o conceito de corporeidade proposto por Thomas Csordas (2008) e algumas inquietações provocadas pela leitura de *Bodies that matter* (2011) da filósofa Judith Butler e pela proposta da valência diferencial dos sexos de Françoise Héritier (1996). Na primeira parte do work localizo algumas de minhas observações a fim de ilustrar a prática de escalada esportiva como fundo etnográfico para, em seguida, deliberar acerca dos modos como a percepção de força se materializa nos diferentes corpos, assim como por eles é materializada. Desejo, com a questão de uma técnica corporal que visa a maestria de uma combinação de força, resistência, concentração e equilíbrio, pensar o que a percepção de força corporal pode nos dizer sobre a materialização da valência diferencial dos sexos (HÉRITIER, 1996) em corpos das sociedades complexas. É do senso comum ouvir que homens são "naturalmente" mais fortes que mulheres e que, portanto, são mais adeptos a atividades que demandam de força muscular. Até certo ponto, acredito que somos capazes de facilmente observar tal diferença e tomá-la como fato. Entretanto, acredito ser frutífero refletir sobre até que ponto um certo acúmulo de técnicas corporais desenvolvidas de modo diferencial desde a nossa infância não fez de corpos dados como masculinos, corpos de maior força anatômica e corpos dados como femininos, corpos menos fortes, pois menos expostos ao desenvolvimento de técnicas corporais anatômicas de força. Inspirada no pensamento de Butler (2011) que elabora sobre a materialidade do sexo e denuncia os processos de ontologização deste e, conseqüentemente, o apagamento dos processos de construção das relações impregnadas de poder, procuro olhar para aquilo que é visto como natureza (neste caso em específico, a



força anatômica do corpo), como algo que também é construído. Afinal, seria muito arriscado dizer que a percepção dos modos como diferentes técnicas corporais são aplicadas ao longo de nossas vidas, por vezes, são apagadas e, portanto ontologizadas a ponto de nos fazer crer que exista uma "força natural" do corpo masculino que inexistiria no corpo feminino? Neste work, esta e demais questões são pensadas através do esporte de escalada que se mostra como um excelente campo para pensar o corpo e, a partir deste, o estar e o operar no mundo.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

